N. 11. Domingo 19 de junho. 1853.

O MOSQUITO

PERIODICO POETICO E LITTERARIO DEDICADO AS JOVENS FLUMINENSES.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. B.567 52

Publica-se aos domingos. Assigna-se á 1$000 rs. por trimestre em casa dos Snrs. Paula Brito, Praça da Constituição n. 64, e Morando, rua do Ouvidor n. 150, onde se vendem á 80 rs. avulsos.

Meditação á margem do Paraná.

Quanto é agra a existencia! Que torturas
Em ti reúnes malfadada vida?

E' tarde! Reina perenal silencio no campo. De quando em quando o tinir das varetas bradam álerta! Repousa pacificamente adormecido sob a relva enflorecida o Grande Exercito, e corpos mil pelo sólo espargidos, se entregam inanimados ao fementido Phobetor.

Infeliz de mim, que vélo sempre, porque nem dormindo a felicidade me illude! Felicidade para mim! Oh! porque não morri na infancia!

O fragor de um trovão acaba de soar; negras nuvens obscurecem o horizonte; a gellada atmosphera me opprime; rijo tufão abala nossas barracas; o Paraná se agita removendo do seio suas fulvas areias; lampeja um relampago, cujo brilho scintillante me confunde; desfazem-se as nuvens em grossas torrentes! Jámais contemplei a natureza tão bisonha!

Minha mãe! Como minoram-se meus males pronunciando este nome do céo, o nome desta mulher angelica á quem devo a vida! A vida? E do que serve existir quando a vida é prenhe de dissabores!

Continuo soffrimento, saudades immensuraveis, ciume, eis os meus algozes, os meus flagellos! Horrores, que impiedosos conculcaram as mais sacras esperanças, que me emballavam no meio dos perigos! Se ao menos me fosse permittido vêl-a neste momento, beijar-lhe a mão já sem belleza, sentir os lategos de seu bondoso coração; se me concedessem ouvil-a em sonhos, julgar-me-ia em extremo venturoso!

Mas, não! Uma visão horrivel, a sombra de uma mulher infida, preencher vêm minha imaginação! Adelaide! Todos os tratos do inferno, todos os soffrimentos que hei padecido, todos os castigos imaginarios seriam insufficientes, nullos para a tua punição! Demonio, que me enganaste, que me arrojaste á um pelago de padecimentos crueis, como sob a belleza mais fascinadora, acobertas um

FOLHETIM.

ADELAIDE OU A FLOR DOS PENSAMENTOS DE UM JOVEN.

Novella pelo redactor, escripta na Campanha Argentina.

CAPITULO 8.

..... Oh volve ao peito,
O pungir de tuas dôres,
Teus ais, teus prantos, são delicias, mimos
Dos corações sensiveis,
Os gemidos que arrancas dentro d'alma,
São desafogo as magoas!
(GARRET). LIRIO DE J. M. P.

(Continuação do n. antecedente).

Achamo-nos no littoral de nossas plagas! Ahi é que podeis livremente contemplar o que a natureza tem de mais sublime e poetico! Imaginae a vasta amplidão dos mares serenos, cujas vagas mansamente se deslisam embatendo umas nas outras; o fraco sussurro de seu contacto encerra mais melodia, que todos estes cantos forçados que escutamos quotidianamente; o Oceano recebe o anil do céo e os raios do sol, despontando em um horizonte de altivas penedias lhes dá um fluxo agradavel.

Navegava por estas adormecidas aguas o paquete, e altaneiro aproôu á Santa Cruz.

Oito horas da noite tinham soado; á esta hora acabavam de embarcar as duas familias; á esta hora a côrte do Brasil addicionava ao delicado bouquet de suas virgens, dous anjos, dous bellos ornamentos, duas ffôres primorosas.

Oh! quem podera sondar as fortes palpitações do peito da virgem quando estas palavras restrugiram-lhe nos ouvidos — estamos na côrte.— Foi este sem duvida o dia mais feliz de sua existencia, porque a bonança após da procella é mais arrebatadora, porque uma idéa

coração de tigre? Eu vivia feliz, porque todas as minhas reflexões eram consagradas á minha mãe, e tu cheia de falsia, serpente seductora, me fascinaste, apontando-me um futuro magico, porque a mulher é o ente das lisonjas! E pobre de mim, que inexperiente curvando-me a estes dotes banaes, a formosura, de que te assoberbas, abracei a impureza de tuas expressões como se fôra oraculo sagrado, e acreditei em teus sacrilegos votos, cégo, esquecido que a mulher perjura tão prompto como prodigaliza juramentos de fidelidade! E quem se persuadiria que uma donzella de 13 annos nutria sentimentos tão ignobeis! Virgem?.. mentira! A mulher perjura não é virgem em toda plenitude da palavra!

Onde existem aquellas ardentes expressões, proferidas em testemunho do céo, quando os astros adormecidos se mostravam quedos á nossos amores! Onde aquelles olhares magneticos e arrebatadores que enlevavam na acção! A natureza tudo contemplava e se sorria de meu engano! Mulher fiel, é perola no fundo do Atlantico!

Porque não morri na infancia! Amei, alimentei esperanças, viví em um estado de inacção plena para o soffrimento, e subitamente o mesmo mal á que fugia se apresentou ante o meu curso, e opprimiu-me sem dó.

O perjurio é uma corrupção, uma infamia. Execração das virgens, infernal Adelaide, se algum dos meus pensamentos, se minhas meditações algum dia chegarem á teu conhecimento, aquilata o amor que te consagrei e o desprezo que te voto.

Parte da festa de S. Benedicto em Campos.

Continuação do n.º antecedente.

Entrada ella, começou o Te-Deum, e após este um bello sermão, no qual o orador sagrado deu mostras de sua erudição e vasta litteratura... Esteve eloquente! Esse orador jámais subirá á tribuna sagrada que, não arrebate com os jorros de sua eloquencia todo o auditorio.

O sermão terminou o culto divino.

A's 9 horas da noite houve um dançado por uns pretos, e depois deste houve tambem o tal celebre boi pintadinho; (divertimento mui usual em Campos).

A's 10 horas, accendeu-se um rico fogo chamado de artificio; estava o largo do Rozario apinhoado de ambos os sexos; via-se com o clarão de algumas peças, caras que apezar de empalidecidas pela energica acção do enxofre, attrahiam por sua belleza, a attenção dos jovens que por ahi passeavam.

Terminou o fogo o festejo; o povo começou a retirar-se, e nós tambem saudosos deixamos o largo, e nos dirigimos á nossa habitação: escusado é dizer-vos que preocupados com a tal donzella. FIM.

O SÁ CAMPISTA.

O PROSCRIPTO.

Retrahidas de dôr as faces lividas,
Mirrado o coração de agros tormentos,
Libando o ether de malfadada vida,
Do desespero as feses esgotando,
Divaga em terra estranha supportando,
Da proscripção as scenas horrorificas!
Dez annos ha vivido envolto sempre
Nos implacaveis mantos da miseria!
Felicidade, e prazer! quimeras vãas,
Do tormento phantasmas exaltados!
Um mysterio é toda a natureza,
Insondavel turbilhão prenhe de dôres!
Ephemeras visões com que sonhara,
Após de o emballar fugiram todas;

---

de ventura no meio do tormento é de uma força incomprehensivel!

Seguiram as duas familias pela rua da * e sua pousada nos tres primeiros dias foi no hotel **.

Ao entrarem no hotel, divisaram estendido sobre o lagedo da porta, o corpo de um vagabundo que disputava com Baccho a palma na embriaguez. Não era o corpo de um pobre, de um miseravel, e de um mendigo, mas sim, de um jovem trajado com decencia, porém em completo desalinho, de um mancebo que já fôra a estrella de sua familia, a esperança de seus amigos, de um homem que bem se conhecia ter uma profissão distincta, um emprego elevado!

Por acaso o pé de Adelaide pisou-lhe o braço, todo o corpo estremeceu, como se fôra um moribundo no ultimo paroxismo, ou como se fôra um homem que acommettido por um ataque repentino desperta do seu lethargo!

— Elle gemeu (disse Adelaide reconhecendo o que fizera, e desviando seus olhos deste corpo como que assustada).

D'ahi á dous minutos, já ella se não recordava deste acontecimento.

Este corpo era o de Cesilio, que tendo jantado com alguns amigos, balanceando como o batel que é ludibrio das ondas encrespadas, ali déra fundo!

É mister uma impressão nimiamente cruel, uma dôr indefinida, para que um homem que prése sua reputação, se olvide de sua dignidade! E seremos nós sufficientes para aquilatarmos os amargurosos trances, que torturaram a Cesilio, desde o momento que recebendo, se profundará em uma vida libertina, aquella carta infernal. Tão elevado foi seu soffrimento, que nos momentos em que se entregava á Baccho, era seu maior prazer repetil-a innumeras vezes.

Um amor infeliz é capaz de nos conduzir

Descreu os sonhos seus, fulgio bem cêdo,
A luz do soffrimento!
Exhausta a taça dos prazeres breves,
Que um mundo de illusões lhe concedera,
Não anteviu, miserrimo, um futuro
No horizonte de horror que o circundava!
Esp'rança não transluz em seus desertos,
Profundissima dôr o dilacera,
Como os antros do mar, mystoriosos,
São os gemidos seus jámais ouvidos!
As cordas frouxas da lyra enfraquecida,
Em arrancos de agonia são vibradas,
E nas selvas restrugindo seus suspiros,
As Dryades pranteam seus horrores.

—Na ventura quem crê, quem crê em sonhos?
Lisongeiras visões, loucos phantasmas,
Matizados de dôr, com crenças falsas,
Revestidos de côres transparentes!
Philosophia e amor! sombras falsarias!
Inferno! Céo! mentira é tudo,
Um só inferno ha, é onde eu vivo!
Qual a serra que nas nuvens escondida,
Pouco a pouco se apresenta carcomida
Tal é a vida humana, misera em tudo.
Nas seductoras vestes do prazer,
Enlevadas se fitam nossos olhos,
Seus fulgores passageiros contemplando.
Do futuro o facho lá scentilha,
Descortinam-se scenas nebulosas,
Projectados anhelos se anniquilam!
Da verdade a luz aclara as nuvens
Que de loucas intenções replectas sempre,
Do fado o horizonte amplo acobertavam.
Sonda agora o dedalo em que te deixam
Insensato, que crês nos bens da vida!
Religião que é, quem crê em Deos?
Prazer, é uma quimera, religião é nada,
—Não ha Deos, céo é mentira, é tudo inferno!

—Tu, mortal, orgulhoso, que zombando,
Das mais sagradas leis do Creador,
A liberdade tolhes ao proscripto,
Sonda bem o martyrio á que o arrojaste,
Que o céo hade punir-te horrivelmente!
Sem dó o desterraste, elle é consorte,
E amigo, é pae, é cidadão!
A religião descrê que professara,
Renega á esposa aos filhos repudia,
Blasphema contra o céo, á Deos offende
Contra toda a natureza vocifera!
E o culpado quem é, sómente vós,
Que elle patria não tem, Deos não conhece.

Qual indigena entre as selvas elle erra,
A' sanha exposto de encarniçadas feras,
Tem por céo a sombra á que se abriga,
E por Deos a fera que combate!
Mas lá nestes desertos chora ainda,
Se recorda não sei... mas elle pensa,
E um suspiro do fundo d'alma se escapando
Sob as azas do Zephyro á patria vôa.
Como o tigre que altaneiro acommettendo,
Rugindo forte a cauda balancea,
E após em seus recintos abrigado
Sua colera abranda e se modera;
Tambem elle ora placido se sorrindo,
Ora em furia abrazado, ardendo em raiva
O mesmo Deos renega, que idolatra!
Como as auras que nos bosques sibilando
Fugitivas entre arbustos se afugentam,
Seus gemidos nos desertos echoando,
Nos espaços desenrolam seus mysterios!

A verde margem de um ribeiro placido,
O borborinho attende da corrente,
Contempla o arvoredo enflorecido,
Das aves os concertos escutando.
Dos olhos fitos nos cachopos do regato,
Uma lagrima por acaso lhe cahindo,
Com as limpidas aguas misturou-se,
E correndo pelos campos verdejantes,
Foi com as ondas do mar se confundir.
E quem sabe se D os compadecido,
Esta lagrima na vaga acobertando,

---

ao abysmo, de nos mostrar suas horrendas escabrosidades antes de nos arremessar nellas, porque tem plena convicção de que o homem desprezado não sonda os tormentos á que se arroja.

Este moço, que outr'ora vira antolhar-se á sua imaginação ardente um futuro risonho, que s nhava de continuo com a felicidade, viu descortinar-se o destino, e em suas vestes implacaveis, descobriu sua illusão!

Muitas vezes encaramos um tormento como uma dita, porque nos deixamos arrebatar pelas apparencias! As boas cousas sempre se occultam em simples vestes, entretanto que dourados mantos de ordinario envolvem aos males!

Qual seria porém a razão, porque este corpo tornou-se convulsivo, depois do rapido contacto que tivera com o pé de Adelaide? E' este um mysterio que não podemos comprehender!

E' notavel a impaciencia em que nos embebemos em certas occasiões; muitas vezes vivemos ausente da amante longos annos, e esta ausencia é quasi insensivel; chegando-se porém ao lugar em que reside, parece que todo o antigo fogo se reanima, como os restos de uma fogueira já coberta de cinza, que é de novo inflammada por uma passageira aragem. Tal era o estado de Adelaide!

Apenas subira, chegára á uma janella, e impaciente olhava para todos os angulos da rua; embalde porém, porque Cesilio roncava livremente na calçada.

Assim passaram-se as horas, decorreram dias e semanas sem que obtivesse a menor noticia de seu amante. Henriqueta empregava seus desvelos em distrail-a.

(Continua).

As plagas não mandou de sua terra!
Quem poderá dizer que um seu filhinho,
Que nas aguas do oceano se banhava,
Esta lagrima não libou por méro brinco!

Lá vive rei sendo proscripto,
Entre feras famintas sendo homem,
E se estes desertos em que habita,
Bafejados fossem pelas patrias auras,
Se a ternura da consorte elle fruisse,
Esquecido do mais, contente sempre,
Das côrtes o bulicio renegando,
Dir-se-ia feliz mais que um Monarcha,
Que de torpes vicios são as côrtes fóco
E de ladrões devassos são abrigo.

CANÇÃO DO CÉGO.

Do aureo fanal do dia,
Eu sinto almo calor,
D'uma voz toda harmonia,
Escuto endexas d'amor;
Porém meus olhos sem luz,
Minha mente só seduz.

Escuto o rio correr,
Com murmurio saudoso;
Eu ouço a vaga gemer,
Junto a um rochedo escabroso;
Mas a côr das puras aguas,
Por não vêr, me deixam magoas.

Eu ouço, pela manhãa,
Cantarem aves no prado,
Da briza fresca e louçãa,
Sinto o arvoredo embalado;
Porém d'aurora que nasce,
Eu não vejo a linda face.

A lua desejo tanto
Vêl-a no céo passeando,
Vêr engastada em seu manto,
Linda estrelinha brilhando;
Mas de meus olhos o véo,
Me não deixa vêr o céo.

Desejo vêr as campinas,
Revestidas de verdura,
Vêr as cheirosas boninas,
Tão cheias de formosura;
Virtude que a natureza,
Tem em si de mais belleza.

Em trevas sempre viver,
Quando o sol percorre o céo,
Tudo sentir, nada vêr,
E' este o destino meu!
Já que a sorte assim o quiz,
Heide ser sempre infeliz.

Eu cêdo ás leis da natura,
D'amor na doce emoção,
Mas não vejo a formosura,
Que me falla ao coração;
Eu sou cégo, nada vejo,
Só sinto e tenho desejo.

Assim um cégo cantava,
A sua triste canção,
Com uma voz que magoava
O mais duro coração!
Tive dó delle, coitado,
No mundo tão desgraçado!

LERACK DE SÁ.

CHARADAS.

Plantas, casas e mortaes,
A todos sei sustentar: 1
Faz o louco, todos fazem,
Faz a moça á arrebentar. 1

Em certa parte do anno,
Sou por muitos procurada: 1
De terno e manso animal
Sou vestimenta engraçada.

Na Italia me acharás,
E em toda a parte estou: 1
De mim se serviu Jesus,
Quando o homem edificou.

CONCEITO.

Sendo insecto mui pequeno,
Por poetas sou amado,
Mas sou muito conhecido,
Por meninos mui buscado.

OUTRA.

Sendo da musica nota,
Aqui não me poderás vêr, 1
Não sou peixe, nem insecto,
Mas em lagos sei viver. 1

Eu não gosto de demoras,
Sou amigo do presente, 1
Do futuro sou rival,
De logo não sou parente.

CONCEITO.

Por ser esphera na fórma,
Não deixo de ser gostada;
Quando doce, appetecida,
Por estranhos cubiçada.

As decifrações das charadas do numero antecedente, são: da 1.ª, *Sensitiva*; e 2.ª, *Adeos*.

ATTENÇÃO.

A novella — Adelaide ou a Flôr dos Pensamentos de um Jovem —, vae ser impressa em um volume separado pelos preços já publicados. Aceitam-se assignaturas até o fim de junho sómente.

Emp. Typ.— DOUS DE DEZEMBRO — de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial.